

MOVIMENTOS COTIDIANOS PELA VISIBILIDADE*Patrícia Raquel Baroni*

Em uma das leituras que fiz, me chamou a atenção a ideia de Von Foerster (1996) que salientava que só vemos aquilo que compreendemos, do contrário, não o vemos. Fiquei refletindo sobre a infinidade de coisas que deixamos de ver neste processo seletivo de imagens cujo critério é a compreensão. Em tantas situações ficamos inconformados ao nos darmos conta de que sentimentos que tentamos expressar tão claramente são compreendidos de modo completamente equivocado pelos outros, ou mesmo, nem percebidos. É neste instante que nos damos conta de que estamos inseridos num movimento cotidiano pela visibilidade, pois do contrário, o que tanto desejamos que seja percebido não será visto.

Nesta dinâmica, começo a pensar sobre os muitos projetos e atividades desenvolvidos em escolas que poucos veem. Nestas escolas, invisíveis por estarem distantes, por serem pequenas, ou por quaisquer outros motivos, professores, alunos e responsáveis se comprometem diariamente com a realização de propostas que tão pouca gente saberá que

aconteceram. É comum encontrar nestes espaços professores e professoras que levam para o lar a continuidade das atividades que se iniciaram na escola. É corriqueiro também ver mães preocupadas com as apresentações que os filhos irão fazer na culminância de projetos. E o nervosismo destas crianças nas apresentações? Algumas tremem, ficam agitadas, sempre com receio de não apresentarem corretamente aquilo que foi preparado com tanto empenho. Contudo, quem assiste a estas apresentações? Em boa parte das vezes, os próprios professores e alunos. Apesar dos muitos convites, estas atividades nas escolas são assistidas por poucos. Tais dinâmicas fazem parte do movimento cotidiano pela visibilidade. Ao tratar desta questão, remeto-me às ideias de Boaventura de Sousa Santos (2004) ao afirmar que há produção de inexistência sempre que uma dada entidade é desqualificada e tornada invisível, ininteligível ou descartável de um modo irreversível (p. 787). Entretanto, o mesmo autor sinaliza que a realidade não pode ser reduzida ao que existe (p. 793), e portanto, se faz necessário revelar a multiplicidade e a variedade de práticas sociais que compõem aquilo que não é “visto”.



Tentando revelar um pouco destas práticas produzidas como não-existentes é que apresento nas imagens deste texto, o projeto Africanidades, desenvolvido da Escola Santa Rita, em Xerém, município de Duque de Caxias. Confecção de trajes característicos, penteados, ensaios

diários de danças africanas e do hino da África do Sul, pesquisas sobre a culinária, modos de vida, geografia dos países africanos formaram a preparação para a culminância do projeto no início deste mês de maio. Vários convites foram distribuídos para a comunidade e para as divisões que compõem a Secretaria Municipal de Educação.

Chegou o dia da culminância. Nossos convidados não compareceram. Tento, portanto, neste texto, mostrar um pouco do que só os envolvidos diretamente na atividade puderam ver e me instalo, neste momento, no movimento cotidiano pela visibilidade de práticas como esta, para que possamos compreendê-las, e, em consequência desta ação, vê-las.

.....

√ Patrícia Raquel Baroni: Mestranda do Proped/UERJ, professora da rede municipal de Duque de Caxias.

Referências bibliográficas (ou textuais):

- SANTOS, Boaventura de Sousa. Por uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. In: _____. (org.). Conhecimento Prudente para uma vida decente. São Paulo: Cortez, 2004.
- VON FOERSTER, Heinz. Visão e conhecimento: disfunções de segunda ordem. In: SCHINITMAN, D. (org.). Novos paradigmas, cultura e subjetividade. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.